



ENFERMEIRA ELITA MARINHO: UMA REPRESENTANTE POTIGUAR NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

NURSE ELITA MARINHO: A REPRESENTATIVE PERSON FROM RIO GRANDE DO NORTE IN WORLD WAR II

ENFERMERA ELITA MARINHO: UNA REPRESENTANTE DE RIO GRANDE DO NORTE EN LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Djailson José Delgado Carlos¹

Jaime Alonso Caravaca Morera²

Maria Itayra Padilha³

RESUMO

Trata-se de um estudo bibliográfico de natureza sócio-histórica, cujo objetivo foi o de historicizar a trajetória da enfermeira Elita Marinho, tomando como referência o período em que exerceu suas funções laborais na Itália, como integrante da Força Expedicionária Brasileira, por ocasião da Segunda Guerra Mundial. A coleta de dados foi realizada através de consulta a livros, publicações em periódicos e produções acadêmicas. Dentre outros achados, os Boletins Informativos (BI), por meio da Coluna Referências Elogiosas, foram decisivos para ilustrar a prática e o desempenho da enfermeira aqui em foco. Especificamente, sobre Elita Marinho, a realização desse estudo oportunizou reconstituir parte de sua vida profissional a partir dos registros encontrados, que foi marcada pela capacidade, esmero, coragem, tranquilidade e pela certeza de servir à pátria como enfermeira voluntária do Exército Brasileiro.

¹Enfermeiro do Hospital Universitário Onofre Lopes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (HUOL/UFRN). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC). Membro do Grupo de Estudos da História do Conhecimento em Enfermagem e Saúde (GEHCES). Bolsista do CNPq. E-mail: djailson.delgado@hotmail.com

² Enfermeiro. Mestrando do PEN/UFSC. Membro do GEHCES. Bolsista do CAPES.

³ Doutora em Enfermagem pela EEAN/UFRJ. Professora-associada do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFSC. Coordenadora do GEHCES. Pesquisadora do CNPq.

Descritores: Enfermagem; História da Enfermagem; II Guerra Mundial; Enfermagem Militar.

ABSTRACT:

A bibliographical and socio-historical study of, aimed at historicizing the trajectory of Nurse Elita Marinho, with reference to the period in which she exercised her functions and work in Italy, as a member of the Brazilian Expeditionary Force during World War II. Data collection was performed by consulting books, publications in journals and academic productions. Among other findings, newsletters such as the Column References Laudatory were essential to illustrate the practice and performance of the nurse in her focus area. Specifically, this study was conducted to facilitate and reconstruct part of her professional life, from the records found, which highlighted that she was marked by her ability, dedication, courage, calmness and certainty while serving the motherland as a nurse volunteer of the Brazilian Army.

Keywords: Nursing; Nursing History; World War II; Military Nursing.

RESUMEN:

Se trata de un estudio bibliográfico de naturaleza socio-histórico, cuyo objetivo fue historicizar la trayectoria de la enfermera Elita Marinho, tomando como referencia el período en que ejerció sus funciones laborales en Italia como integrante de la Fuerza Expedicionaria Brasileña, por causa de la Segunda Guerra Mundial. La colecta de datos fue realizada a través de consulta a libros, publicaciones en periódicos y producciones académicas. Dentro algunos materiales encontrados, los Boletines Informativos (BI), por medio de la Columna Referencias Elogiosos, los cuales fueron decisivos para ilustrar la práctica y desempeño de la enfermera en cuestión. Específicamente, sobre Elita Marinho, la realización de este estudio, oportunizó reconstruir parte de su vida profesional, a partir de los registros encontrados, que fue marcada por la capacidad, esmero, coraje, tranquilidad y por la certeza de servir a la patria como enfermera voluntaria del ejercito brasileiro.

Descriptores: Enfermería; Historia de Enfermería; II Guerra Mundial; Enfermería Militar.

INTRODUÇÃO

No período compreendido entre 1939 e 1945, o mundo vivia o maior conflito entre nações de que se têm notícia, a II Guerra Mundial, em decorrência de tensões políticas, econômicas e ideológicas. Naquele momento, os países estavam divididos em duas grandes alianças militares: os

aliados (Inglaterra, França, União Soviética e Estados Unidos) e os do eixo, conhecidos por suas ideologias autoritárias (Alemanha, Itália e Japão) ^{1,2}.

No diz que respeito à posição dos países americanos, havia o precedente de partilharem da política de neutralidade, também conhecida como “Política da Boa Vizinhança”, desde que nenhum dos países participantes do pacto sofresse atentado contra sua integridade ou a inviolabilidade de seu território. Essa política consistia em investimentos, venda de tecnologia e aproximação cultural entre os Estados Unidos e os países latino-americanos na tentativa de neutralizar a influência alemã no continente. Porém, sua quebra foi determinada pelo ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor, localizada no arquipélago do Havaí, no dia 07 de dezembro de 1941, resultando na entrada dos Estados Unidos na guerra cinquenta e dois dias após o incidente ³.

Quanto à participação brasileira no conflito, dois grandes acordos podem ser destacados: a assinatura, em março de 1943, do acordo de ajuda mútua entre o Brasil e os Estados Unidos por meio da Comissão Militar Mista de Defesa Brasil-Estados Unidos (CMMBEU) e a decisão de enviar tropas nacionais ao *front*, o que fizera originar a Força Expedicionária Brasileira (FEB), em agosto do mesmo ano, como instrumento militar de combate segundo as normatizações norte-americanas ⁴.

Esses acordos, em linhas gerais, estabeleceram normas e condições de uso de bases militares, investimentos bélicos, auxílio econômico, fornecimento de matéria prima, intercâmbio técnico-industrial, promessa de participação do Brasil no Conselho de Segurança nas Nações Unidas e a construção da Usina de Volta Redonda, porém nem todos estes projetos foram concretizados ⁵.

Havia muito a ser providenciado para a efetivação da FEB que contaria com unidades divisionárias (Infantaria, Artilharia, Esquadrilha de Ligação e Observação, Batalhão de Engenharia, Batalhão de Saúde, Esquadrão de Reconhecimento, Companhia de Transmissões entre outros) e com unidades não-divisionárias (Suprimento de Pessoal, Transporte de Pessoal, Serviço Postal, Serviço de Fundos e Pagadoria Fixa, Correspondentes de Guerra, Serviços Religiosos, Serviços Especiais, Banda de Música, Serviço de Justiça, Depósito de Pessoal, etc) ³.

Sobre o Serviço de Saúde, ficou acertado que todo Regimento de Infantaria teria seu Destacamento de Saúde e que por questões econômicas e de *knowhow*, seriam utilizados os hospitais norte-americanos já existentes na Itália. Como desdobramento dessa situação, surgiu a necessidade de recrutamento de enfermeiras, quadro até então inexistente nas Forças Armadas do Brasil, solucionado com a criação do Quadro de Enfermeiras da Reserva ⁶⁻⁷.

Assim sendo, o estudo ora apresentado teve sua motivação surgida após a visita ao Museu da FEB, na cidade de Campo Grande (MS), que dispõe em seu acervo de uma placa honrosa às enfermeiras da FEB e entre elas, a grata descoberta da Tenente Elita Marinho, a única enfermeira potiguar na II Guerra Mundial.

Nascida em 09 de maio de 1911, na cidade de Macaíba (RN), filha de Eufrosino José Marinho e Maria Marinho, Elita Marinho realizou, na cidade do Rio de Janeiro, o Curso de Voluntária Samaritana da Cruz Vermelha e foi concluinte da primeira turma do Curso de Emergência da Reserva do Exército (CEERE), sendo nomeada enfermeira de 3ª classe (Portaria nº 6.310/1944) e convocada a integrar a FEB (Portaria nº 6.382/1944) ⁶.

Embarcou para a Itália em 20 de agosto do mesmo ano, por via aérea, fazendo a rota Rio de Janeiro – Natal – Dacar (capital do Senegal, África) – Nápoles (Itália). Atuou como enfermeira nas Clínicas Médica e Cirúrgica nos seguintes hospitais: 4th *General Hospital* (Marzabotto e Parólla), 15th *Evacuation Hospital* (Corvélla), 16th *Evacuation Hospital* (Pistóia), 38th *Evacuation Hospital* (Cecina, Florença e Pisa). Quando desligada do serviço militar, em 23 de maio de 1945, aguardou pelo retorno ao Brasil no 7th *Station Hospital* (Parólla) ^{6,8}.

Foi condecorada pelo governo brasileiro com as Medalhas de Guerra (conferida a oficiais por serviços relevantes) e de Campanha (àqueles do Serviço de Saúde por bravura e espírito de sacrifício). Oficialmente licenciada do serviço ativo (Portaria nº 8.411/1945) continuou exercendo a Enfermagem no Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro. Anos mais tarde, beneficiou-se com as Leis nº 1.290/1950 (efetivação no posto de 2º tenente da reserva de 2ª classe do Exército) e 3.160/1957 (convocação para a Serviço Ativo do Exército com permanência assegurada, gozo dos direitos, vantagens e regalias inerentes aos oficiais da Ativa), vindo a falecer em 29 de setembro de 1989 ^{4,6,9}.

Diante dessas aproximações, a realização desse estudo justifica-se pelo pioneirismo feminino no ativo das Forças Armadas do Brasil, por ser uma história inédita e de suma importância para a enfermagem do Rio Grande do Norte. Igualmente relevante é o desenvolvimento de pesquisas históricas que versem sobre a participação brasileira na II Guerra Mundial, cuja contribuição foi importante à vitória dos países aliados, bem como que contribuam para conservação da memória das profissões.

Nessa perspectiva, seu desenvolvimento tornou-se possível a partir das seguintes indagações: Quem foi a enfermeira Elita Marinho? Como ocorreu seu ingresso na FEB? De que maneira exerceu suas funções? Que registro se tem de sua prática profissional durante o conflito?

Para então respondê-las foi elaborado o seguinte objetivo: historicizar a trajetória da enfermeira Elita Marinho como integrante do Serviço de Saúde da FEB, durante a Segunda Guerra Mundial.

MÉTODO

O presente estudo foi desenvolvido no primeiro semestre de 2012 como atividade do Grupo de Estudos da História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde (GEHCES), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC). Trata-se, pois, de uma investigação bibliográfica de natureza sócio-histórica realizada a partir de consultas a fontes secundárias, tais como: livros (dezesseis), artigos de periódicos (quatro) e produções acadêmicas (três teses e duas dissertações); a partir dos quais fez-se a leitura criteriosa do material sobre a participação da FEB na II Guerra Mundial e a busca de trechos que tratassem sobre a nossa personagem.

Estudos históricos ganham relevância pela possibilidade de construção do conhecimento científico. Quando desenvolvidos sob a ótica crítica-analítica, favorecem a compreensão do passado de um grupo social contribuindo para o entendimento das profissões junto à realidade, mas sem perder a perspectiva histórica¹⁰⁻¹¹.

No que tange a Enfermagem no Brasil, estes estudos tem incentivado o debate, impulsionando a investigação, formação crítico-reflexiva dos profissionais para que sejam capazes de pensar a profissão inserida em um campo de forças dinâmicas e contraditórias, que é passado, é presente e também futuro¹².

Assim sendo, as pesquisas históricas são necessárias para a reconstrução da identidade profissional, tornando-a viva, devendo-se buscar por vestígios de seu passado para encontrar no presente a sua identidade. São justificáveis na reconstrução da história do ponto de vista social, cultural, político, educativo e de gênero para melhor compreender a trajetória da profissão e por se constituírem em uma forma democrática de socializar o conhecimento¹¹.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participação brasileira na II Guerra Mundial, ocorreu após a realização da Conferência do Potengi, em 28 de janeiro de 1943, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, na qual os presidentes Getúlio Dorneles Vargas (Brasil) e Franklin Delano Roosevelt (Estados Unidos) firmaram parcerias militares, políticas e econômicas. Dentre outros acordos, estabeleceram a

utilização de bases militares brasileiras durante a duração da guerra e o envio de tropas nacionais ao *front* ¹⁻².

Esse evento em Natal/RN mostra a importância estratégica da cidade na Segunda Guerra, visto ser o ponto mais próximo do continente africano na América do Sul. Tornar-se-ia trajeto obrigatório para os aviões americanos vindos do hemisfério norte, uma vez que as rotas dos Estados Unidos para o norte da África via Europa não eram mais possíveis, devido às proporções da guerra. Estes aviões abasteciam as frentes de batalha na África, transportavam materiais bélicos, militares, suprimentos, aeronaves que passariam a operar por lá, reforçando a frente aliada ⁵.

Sobre esse acordo, faz-se importante registrar algumas de suas repercussões para Natal/RN, até então pacata e de aspecto interiorano: novos hábitos foram adquiridos; tornou-se mundialmente conhecida; viveu a expectativa de bombardeamentos; houve *black-out*; a população quase duplicou; foram construídos abrigos antiaéreos; irradiou-se música estrangeira; abertura de cursos de inglês; aumento do custo de vida; pavimentação asfáltica e duplicação de algumas ruas; criação das Bases Navais em Natal e Aérea de Parnamirim; visitas ilustres (Humphrey Bogart, Kay Francis, Joe Brown, Franklin Delano Roosevelt); entre outros acontecimentos ^{1-2,13-14}.

Igualmente relevantes foram os desdobramentos ocorridos no sistema de saúde, como: ampliação de leitos e serviços do Hospital Miguel Couto; iniciativas para o controle das doenças sexualmente transmissíveis; abertura do Hospital Luiz Soares pela associação de escoteiros; instalação da Cruz Vermelha na cidade; cessão da Maternidade de Natal, hoje Maternidade Escola Januário Cicco/UFRN, ao comando do Exército; criação de uma enfermaria para militares vindos da guerra, atual Hospital de Guarnição de Natal, no 16º Batalhão de Infantaria Motorizada ^{2,15-16}.

Vale destacar que, o Brasil vinha sofrendo afundamentos de seus navios mercantes por submarinos alemães em represália a assinatura da Declaração Conjunta dos Aliados da América, durante a III Reunião dos Chanceleres Americanos, no Rio de Janeiro, entre os dias 15 e 28 de janeiro de 1942, em solidariedade ao governo norte-americano pelo ataque japonês à base de Pearl Harbor, um mês antes. A ruptura econômica com os países do eixo levou a naufrágio 33 embarcações e vitimou 940 pessoas, entre mortos e desaparecidos ^{3,17}.

Assim, a criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), por meio da Portaria Ministerial nº 47-44, de 09 de agosto de 1943, sob o comando do General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes, deveria ser composta conforme recomendações norte-americanas, ser constituída de três divisões expedicionárias e dispor um efetivo de sessenta mil homens.

Entretanto, apenas uma Divisão de Infantaria Expedicionária, a 1ª DIE se concretizou. O embarque de seu contingente para a Europa ocorreu em cinco momentos distintos, totalizando o envio de 25.334 homens³⁻⁴.

Dentre os obstáculos a serem vencidos estava à solicitação americana de que o Brasil deveria dispor de um quadro de enfermeiras militares para atuarem junto à estrutura hospitalar existente para facilitar o atendimento aos brasileiros e aliados. Mediante a dificuldade de entendimento entre as autoridades militares e a Escola Anna Nery, referência no ensino de Enfermagem à época, quanto a patente e salários das enfermeiras, decidiu-se por criar o Quadro de Enfermeiras Militares da Reserva do Exército, por meio do Decreto-lei nº 6.097, de 13 de dezembro de 1943¹⁸⁻¹⁹.

Sobre a participação feminina em guerras, ainda que seja um fato comprovado ao longo da história, foi a partir da I Guerra Mundial (1914-1918), devido à mecanização das tropas e a necessidade de mão-de-obra, que países como Rússia, Inglaterra e Estados Unidos passaram a utilizar corpos femininos militarizados, embora seu melhor desempenho tenha ocorrido nos serviços de saúde²⁰.

A FEB dispunha de um Batalhão de Saúde criado pelo Decreto-lei nº 6.071-A, de 06 de dezembro de 1943, instalado no município de Valença (RJ), sob o comando do Major médico Bonifácio Borba. Em sua composição constavam médicos, enfermeiros, dentistas, farmacêuticos, manipuladores de radiologia e protéticos. Esse serviço e todo o pessoal estavam subordinados ao Serviço de Saúde, na pessoa do Coronel Emanuel Marques Porto, responsável pelo Estado Maior do Serviço de Saúde^{4,17}.

Em se tratando das enfermeiras da FEB, o processo seletivo tornou-se possível após a publicação do edital, em 09 de setembro de 1943, pelo jornal carioca “A Noite”. Exigia-se para tal, serem brasileiras, de qualquer estado civil (às casadas tinham que comprovar permissão do marido), apresentar diploma, certificado de formação em Enfermagem ou atestar experiência profissional na área e ter entre 20 e 45 anos de idade. Quando selecionadas, seriam submetidas ao Curso de Emergência de Enfermeira da Reserva do Exército (CEERE) e, se aprovadas, passariam a compor o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército^{19,21}.

Esse curso teve início em 05 de janeiro de 1944 e apresentava-se estruturado sob três aspectos: condicionamento físico, conhecimentos específicos e instrução militar. De caráter emergencial e com duração de apenas de seis semanas, chegou a formar quatro turmas, embora nem todas as selecionadas tenham sido incorporadas à FEB¹⁸⁻¹⁹.

Das 73 enfermeiras enviadas à guerra, 67 pertenciam ao Exército

^ae seis à Força Aérea Brasileira (FAB)^b, que atuaram junto ao 1º Grupo de Caça independente da FEB. Importante destacar o caráter heterogêneo desse grupo quanto à formação profissional, embora igualmente submetidas ao CEERE, havia enfermeiras formadas pela Cruz Vermelha, Escola Anna Nery, Escola Alfredo Pinto e Samaritanas. Sobre as enfermeiras que atuaram no Serviço de Evacuação Aérea, convém informar que receberam treinamento adicional em Natal/RN, na Base de Paramirim^{c 8-9,18}.

A preparação física das candidatas ocorreu na Escola de Educação Física do Exército e no Colégio Militar do Rio de Janeiro, coordenado pela Prof^a Íris Rodrigues Belo. Consistia em corridas, marchas rastejantes, escaladas, saltos, passagem de travas e pórticos, transposição de valas com cordas, subidas em cabo, defesa pessoal, transporte de feridos. Também contou com aulas de natação orientadas por Maria Lenk, a maior expressão nacional do esporte, à época. A parte de conhecimentos específicos ficou sob a responsabilidade da Diretoria de Saúde do Exército, na pessoa do Major Médico Augusto Marques Torres, sendo os estágios realizados em hospitais e policlínicas militares. Por fim, as aulas de instruções militares foram executadas pelos: Capitão Carlos de Meira Matos, Tenente Médico Fernando Mangia, Sargento Bacelar e Sargento Willy^{4,9-10}.

Com a aprovação no CEERE, restava aguardar a convocação do Serviço Ativo do Exército para que fossem destinadas à Europa. Enquanto isso, o grupo denominado Destacamento Precursor de Saúde, composto de quatro^d enfermeiras e um médico^e, enviado à Itália, teve por missão precípua organizar uma seção hospitalar anexa a um hospital americano em Nápoles, cujo objetivo seria o de dar suporte à chegada dos militares brasileiros embarcados no Rio de Janeiro,

^aAcácia Cruz, Alice Alves, Altamira Pereira Valadares, Amarina Franco Moura, Antonieta Ferreira, Aracy Arnaud Sampaio, Berta de Moraes, Carlota Mello, Carmem Bebiani, Edith Fanha, Elita Marinho, Elza Cansação Medeiros, Elza Miranda da Silva, Elza Pereira Vianna, Fausta Nice Carvalhal, Gema Imaculada Ottologramo, Graziela Affonso de Carvalho, Guilhermina Rodrigues Gomes, Haidée Rodrigues Costa, Helena Ramos, Heloísa Cecília Villar, Hilda Ribeiro, Ignácia de Mello Braga, Ilza Meira Alkmin, Izabel Novaes Feitosa, Jacyra de Souza Góis, Jandira Bessa de Meirelles, Jandyra Faria de Almeida, Juracy França Xavier, Jurgleide Doris de Castro, Lília Pereira da Silva, Lindaura Galvão, Lúcia Osório, Lygia Fonseca, Maria Aparecida França, Maria Belém Landi, Maria Celeste Fernandes, Maria da Conceição Suarez, Maria de Lourdes Mercês, Maria do Carmo Correia e Castro, Maria Hilda de Mello, Maria José Aguiar, Maria Luíza Vilela Henry, Mathilde Alencar Guimarães, Nair Paulo de Melo, Neuza de Mello Gonçalves, Nícia de Moraes Sampaio, Nilza Cândida da Rocha, Novembrina Augusta Caballero, Olga Mendes, Olímpia de Araújo Camerino, Ondina Miranda de Souza, Ormindá Célia Barroso, Roselys Belém Teixeira, Sílvia de Souza Barros, Sílvia Pereira Marques, Virgínia Leite, Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, Wanda Sofia Magewski, e Zilda Nogueira Rodrigues^(3,8-9).

^b Antônia de Holanda Martins, Isaura Barbosa Lima, Judith Arêas, Maria Diva Campos, Ocimara Moura Ribeiro e Regina Cerdeira Borbalo^(3,8-9).

^c Cidade integrada à região metropolitana de Natal (RN), cuja existência de um campo de pouso data desde 1927, quando companhias aéreas francesas (Latecòere e Cidna) e italianas (Ala Litoria), à época, eram responsáveis pela ligação entre a Europa e a América do Sul. Tornou-se internacionalmente conhecida como Trampolim de Vitória ao ser utilizado pelos norte-americanos durante a II Guerra Mundial. Dada sua localização estratégica para o envio de tropas, munições e suprimentos ao *front*, adquiriu notoriedade por ser maior mobilidade técnica obtida pelos Estados Unidos fora de seu território^(1-2,5).

^d Antonieta Ferreira, Carmem Bebiani de Mello Braga, Elza Cansação Medeiros e Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero⁽¹⁸⁾.

^e Major Médico Ernestino Gomes de Oliveira⁽¹⁸⁾.

em 02 de julho de 1944, no navio americano General Mann. O envio das enfermeiras ao *front* ocorreu por via aérea, partindo do Rio de Janeiro para Nápoles (Itália), com escalas em Natal/RN e Dacar (Senegal, África) ¹⁸.

A respeito da estrutura hospitalar montada pelos americanos durante a II Guerra Mundial, na qual funcionavam seções brasileiras, em ordem crescente de complexidade, assim se apresentava: *Field Hospital* (dotado de mobilidade, instalado em barracas de lona, o mais próximo do combate, destinava-se aos primeiros socorros); *Evacuation Hospital* (de porte médio, também estruturado em barracas de lona, recebia feridos transferidos do *Field Hospital* e realizava intervenções cirúrgicas); *Station Hospital* (instalado em um edifício, possuía mais recursos, maior quantidade de leitos, equipe especializada e isolamento para doenças infecciosas); e, *General Hospital* (prestava-se os últimos cuidados para a repatriação do ferido, via aérea) ^{4,9,18}.

O Serviço de Enfermagem de cada um desses hospitais estava sob o gerenciamento de uma enfermeira norte-americana, major ou capitão, às quais as brasileiras estavam subordinadas à disciplina interna, à escala e à técnica americana, tendo que executar ordens em inglês e cumprir uma jornada estafante e fadigante de 12 horas de trabalho ⁸⁻⁹.

Analisando a situação na qual as enfermeiras brasileiras foram submetidas, comprova-se que esta guerra provocou uma nova configuração do campo, pois ao mesmo tempo em que lhes abriu espaços, submeteu-as a nova influência da política e da enfermagem americanas ¹².

Durante todo o período em que a FEB esteve na Itália, às autoridades brasileiras valeram-se da circulação de Boletins Informativos (BI). Nestes, havia a coluna denominada Referências Elogiosas, que provavelmente tinha um caráter motivacional, face às muitas dificuldades impostas pelo confronto. Em se tratando da Enfermagem, em especial sobre a enfermeira potiguar, Elita Marinho, os relatos a seguir ilustram um pouco da sua rotina laboral.



ELITA MARINHO
2º Tenente Enfermeira

Figura 1 – Enfermeira Elita Marinho em uso do uniforme militar ⁸.

Major Ernestino Gomes de Oliveira, médico-chefe do 38th *Evacuation Hospital*

(...) como exemplo digno de ser seguido com padrão por todos que se sacrificam pela causa da liberdade a serviço do BR, tenho muita satisfação em elogiar e louvar, nominalmente a enfermeira Elita Marinho, esforçada e delicada, cumpridora de seus deveres, foi de grande eficiência a sua ação junto à cabeceira dos doentes e com calma e serenidade que atendia a todos os misteres da enfermagem sob sua responsabilidade ^{6:225}.

Coronel G. T. Wood, Comandante do 38th *Evacuation Hospital*

*Realizou excelente trabalho, manifestou dedicado interesse no bem estar dos participantes, cooperou com os membros desta unidade no mais alto grau, e demonstrou o mais alto padrão de disciplina militar. Lamento que tenha sofrido incômodos e perdas de seus haveres por causa da recente inundação [referindo-se à enchente do Rio Arno, em 02.11.1944, no qual o 38th *Evacuation Hospital* teve que se mudar de Pisa para Pistóia] ^(6:225).*

Boletim Interno nº 44, de 29.11.1944

De acordo com a autorização contida na letra do IX da 4ª Parte do Boletim Interno do QG da FEB nº 81, de 16.11.1944 é com prazer que saliento os bons serviços dos que me auxiliaram na fase que precedeu a chegada do 2º Escalão da FEB. Louvo a enfermeira Elita Marinho. Enalteço a valia deste Grupo, cooperou

na medida de suas atribuições, executando a contento as missões que lhe foram confiadas^{6:226}.

Estas referências bem ilustram o discurso ideológico fortemente marcado pelos ideais de servir à pátria e ao próximo, impondo uma imagem de beatitude à profissão cujos princípios eram de abnegação, compaixão, caridade, sacrifício, disciplina, cooperação, calma, serenidade, lealdade, solidariedade entre outros necessários à disciplina militar. Sobre isso, deve-se considerar a forte influência que as ordens religiosas exerceram sobre o trabalho da Enfermagem, seja com a criação de escolas, direção de instituições assistenciais ou na prestação dos cuidados aos pacientes.

A influência das ordens religiosas e a disseminação de valores cristãos junto a Enfermagem não implicam em despreparo ou em falta de conhecimento, ao contrário, respeitando as possibilidades e os limites, era o melhor prestado, porém pouco desenvolvido nos moldes científicos. Também pode ser visto como um dos fatores dificultantes no reconhecimento profissional da enfermeira, pois as questões salariais e os padrões tradicionais de formação das ordens religiosas podem ser vistos como missionário, sacrificado e sublime quando exercido por religiosas e quando desempenhado por pessoas laicas, passam a ser de aspecto manual, subalterno e doméstico²²⁻²³.

Esses imaginários ficam bem ilustrados nas Referências Elogiosas à enfermeira Elita Marinho ao destacá-la como sendo calma, dedicada, cumpridora dos seus deveres, serena, cooperativa, disciplinada e disponível junto à cabeceira do paciente, mas em nenhum momento fazendo elogios às habilidades profissionais e ao conhecimento técnico que pudesse ter.

Dando continuidade as Referências Elogiosas, o Major Ernestino Gomes de Oliveira, médico-chefe do 38th *Evacuation Hospital*, em BI de 30.12.1944, assim se pronunciou:

Em virtude de hoje passar a Chefia desta SBH ao meu substituto, é com prazer que externo, pública e nominalmente, a minha opinião de Chefe e amigo, àqueles que, leal e desinteressadamente, tendo apenas em vista o engrandecimento da Pátria, ajudaram-me no exercício de minhas funções no cumprimento dos deveres militares profissionais que lhe foram atribuídas durante a fase mais difícil da organização e início desta Seção. Enfermeira Elita Marinho, cooperadora abnegada, personificando a dedicação e o amor da mulher brasileira, que sem medir sacrifícios, procurou, pelo trabalho intenso e dedicado, minorar os sofrimentos dos feridos e doentes merece, não apenas, meu louvor, mas a minha

genuflexão pelo bem que tem aspergido entre os valorosos soldados do Brasil

6:226

Ainda sobre o papel das enfermeiras no imaginário da representação da mulher brasileira, eis o registro do Major Ary Duarte Nunes, médico-chefe:

Enfermeira Elita Marinho trabalhou com muita dedicação e carinho em exaustivos plantões noturnos, demonstrando sempre espírito de sacrifício e boa vontade. Representou dignamente a mulher brasileira neste Teatro de Operações. Louvo-a e agradeço todos os serviços prestados não só a esta Seção, mas ao Brasil^{6:226}.

Vê-se aqui a continuidade das distorções da importância profissional das enfermeiras ao associá-las a imagem materna e pela incumbência em bem representar a mulher brasileira. Esse imaginário desvirtua conquistas como: abertura de novos espaços; excentricidade do feito junto aos homens militares; ampliação das possibilidades femininas; conquista de espaços públicos; inserção da mulher brasileira nas forças armadas²⁴.



Figura 2 –Enfermeira Elita Marinho entre companheiros²⁵.

Elita Marinho, a segunda da esquerda para direita, na companhia de outras enfermeiras (Novembrina Caballero, à sua direita, e Antonieta Ferreira, à esquerda) e de um militar (Sargento Mot Bahia), provavelmente em um momento de descontração, propicia a observação de que o uniforme utilizado pelas enfermeiras era similar ao masculino: cinto, coturnos, camisas de mangas

longas, calças compridas, parecendo não haver distinção de tecidos, cores e cortes. Percebe-se um pouco de vaidade feminina apenas na maneira de arrumar os cabelos.

Prosseguindo sobre as Referências Elogiosas, no tocante a Enfermagem assim se pronunciou o General de Divisão, João Batista Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB:

Coube a nossa enfermeira, além da missão profissional, representar as virtudes da mulher brasileira, entre homens e mulheres de várias nacionalidades, no convívio cotidiano dos hospitais norte-americanos. As nossas compatriotas, que acorreram ao chamado da Pátria, prestaram excelentes serviços à FEB, durante a sua permanência em território italiano, enfrentando e vencendo obstáculos numerosos. Ainda no Brasil, sofreram a maledicência impatriota de alguns. Na Itália, viveram e serviram em hospitais norte-americanos, onde, além das dificuldades advindas das diferenças idiomáticas e hábitos, suportaram por algum tempo a inferioridade hierárquica e pecuniária em relação às suas colegas americanas, com quem conviviam. Não obstante os óbices encontrados, as enfermeiras incorporadas à FEB atenderam com abnegação e proficiência aos nossos feridos e doentes, dando um veemente e nobilitante testemunho do valor da mulher brasileira (Boletim Interno nº 45, de 14.02.1945, da 1ª DIE)^{3:320}.

Com o fim da guerra, em 08 de maio de 1945, todos esses elogios e reconhecimento da Enfermagem, assim como a comprovada contribuição dos soldados voluntários à vitória dos países aliados, de nada valeram para mantê-los no quadro de ativos do Exército brasileiro.

A desmobilização da FEB ocorreu através da publicação do Aviso Ministerial nº 217-185, datado de 06 de julho de 1945 e se efetivou gradativamente na medida em que os desembarques aconteciam, ou seja, antes mesmo do regresso completo das tropas ao Brasil. Este ato do governo brasileiro impôs também aos expedicionários algumas condições, a saber: proibição de darem declarações públicas, de saírem fardados às ruas ou portar medalhas e condecorações^{3-4,24}.

Anos depois, talvez como reparação do ato falho cometido com a desmobilização ou como reconhecimento pelos serviços prestados, duas leis asseguraram conquistas às enfermeiras da FEB. A Lei nº 1.209, de 25 de outubro de 1950, incluiu-as na Reserva do Exército, com a patente de 2º Tenente e a Lei nº 3.160, de 01 de junho de 1957, possibilitou as que desejassem a incorporação no Serviço de Saúde do Exército, no cargo inicial de 1º Tenente, em iguais condições às patentes da ativa. Benefício similar foi estendido às enfermeiras da Força Aérea Brasileira através da Lei nº 3.632, de 10 de setembro de 1959⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período denominado de II Guerra Mundial, motivado por questões políticas e econômicas, causou uma intensa mobilização global, impondo a partir de convicções ideológicas a luta pela supremacia e a separação dos países em dois grandes blocos, aliados e eixo.

Apesar da neutralidade dos países latino-americanos, o Brasil viu sua participação no conflito se aproximar em decorrência da assinatura da Declaração Conjunta dos Aliados da América, na qual todos os países membros se solidarizavam com o governo norte-americano após o ataque de Pearl Harbor. A partir de então, tornaram-se frequentes os afundamentos de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães.

A participação efetiva do Brasil tornou-se possível através da Força Expedicionária Brasileira, composta como desdobramento da Conferência do Potengi, na qual foram firmadas ajudas políticas e militares entre os governos brasileiro e norte-americano. Para isso, muitos obstáculos tiveram que ser vencidos: tempo, pessoal, treinamento, fardamentos, equipamentos e viagens.

Quanto às dificuldades de pessoal, especialmente no que tange a Enfermagem, motivo da realização desse estudo, viu-se que a criação de um quadro até então inexistente no Exército brasileiro desencadeou alguns contratempos: criação do Curso de Emergência de Enfermeira da Reserva do Exército (CEERE), patentes, salários, uniformes, idioma entre outros.

Apesar dos percalços, a participação das enfermeiras na Segunda Guerra Mundial pode ser considerada um marco, pois além do ineditismo da presença feminina nos quadros militares, esse evento serviu para dar visibilidade e consolidar a Enfermagem como carreira profissional^{10,21}.

O acesso às Referências Elogiosas dos Boletins Informativos utilizados pelas autoridades brasileiras no *front* proporcionou aproximações sobre o cotidiano das enfermeiras da FEB, assim como oportunizou conhecer um pouco mais dessa história pouco contada, mas marcada pelo enfrentamento de dificuldades, determinação, superação, atropelos e incompreensão, mas sem perder o ideal de servir à pátria. Especificamente sobre a enfermeira Elita Marinho, a realização oportunizou reconstituir parte de sua vida profissional, que segundo os registros, foi marcada pela capacidade, esmero, coragem e tranquilidade.

Por fim, realizar estudos dessa natureza assume relevância por fornecerem subsídios a assuntos da História Contemporânea pouco explorada, bem como pela possibilidade de contribuir para a memória da profissão, trazendo a tona personagens da Enfermagem até então anônimos.

REFERÊNCIAS

1. Cascudo LC. História da cidade do Natal. 4ª ed. Natal (RN): EDEFERN; 2010.
2. Trindade SLB, Albuquerque GJ. Subsídios para o estudo da História do Rio Grande do Norte. Natal (RN): Departamento Estadual de Imprensa; 2001.
3. Moraes JBM. A FEB pelo seu comandante. Rio de Janeiro (RJ): Biblioteca do Exército Ed; 2005.
4. Silveira JX. A FEB por um soldado. Rio de Janeiro (RJ): Biblioteca do Exército Ed.; 2001.
5. Muylaert R. 1943: Roosevelt e Vargas em Natal. São Paulo (SP): Bússola Produções Culturais e Editora Ltda; 2012.
6. Medeiros EC. E. Um! Dois! Esquerda! Direita! Acelerem o passo. Rio de Janeiro (RJ): Elza Cansação; 2003.
7. Oliveira AB. Signos do esquecimento: os efeitos simbólicos da participação das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial (1943-1945) [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ) Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2007.
8. Valadares AP. Álbum Biográfico das Febianas. Batatais (SP): Centro de Documentação Histórica do Brasil Altamira Pereira Valadares; 1976.
9. Camerino AO. A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro (RJ): Capemi Ed e Gráfica; 1983.
10. Bernardes MMR, Lopes GT, Santos TCF. A visibilidade da atuação de uma enfermeira do Exército Brasileiro a um ferido na 2ª Guerra Mundial. Rev Esc Enferm. 2005 Jan-Fev; 39(1): 62-7.
11. Padilha MICS, Kletemberg DF, Gregório VRP, Borges LM, Borenstein MS. A produção de pesquisa histórica vinculada aos programas de pós-graduação no Brasil: 1972 a 2004. Texto Contexto Enferm. 2007 Out-Dez; 16(4): 671-9.
12. Barreira IA, Baptista SS. O movimento de reconsideração do ensino e da pesquisa em história da enfermagem. Brasília. Rev Bras Enferm. 2003 Nov-Dez; 56(6): 702-6.
13. Peixoto C. A história de Parnamirim. Natal (RN): Z Comunicação; 2003.
14. Pinto L. Os americanos em Natal. Natal (RN): Sebo Vermelho; 2005.
15. Araújo IS. Januário Cicco: um homem além do seu tempo. Natal (RN): Ed. Universitária; 1983.
16. Carlos DJD. Passado e Presente: a Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes [dissertação]. Natal (RN): Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2005.

17. Medeiros EC. Eu estava lá: a epopeia da Força Expedicionária Brasileira através da fotografia. Rio de Janeiro (RJ): Ágora da Ilha; 2001.
18. Medeiros EC. E foi assim que a cobra fumou. 4ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Marques Saraiva, 1987.
19. Leite JL, Baptista S, Leite J. Enfermeiras na FEB: quando as mulheres vão à luta. Rev Exército Brasileiro. 2002; 137 (1): 53-9.
20. Caire R. A mulher militar: das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro (RJ): Biblioteca do Exército Ed; 2002.
21. Cytrynowicz R. A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro. Hist, Cienc. Saúde-Manguinhos. 2000 Mar-Jun; VII(I): 73-91.
22. Borenstein MS. Relações de poder num Hospital de Caridade: uma visão Foucaultiana [tese]. Pelotas (RS): Universidade Federal de Pelotas; 2000.
23. Alcântara G. A Enfermagem Moderna como categoria profissional: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira [tese]. Ribeirão Preto (SP): Universidade de São Paulo; 1963.
24. Oliveira AB. Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra: o processo de reinclusão no Serviço Militar Brasileiro (1945-1957) [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2010.
25. Medeiros EC. Nas barbas do Tedesco. Rio de Janeiro (RJ): Companhia Ed. Americana; 1955.